



**BIOGRAFIA DE
ALLAN KARDEC**

JÚLIO ABREU FILHO



Júlio Abreu Filho
(1893-1972)

Índice

u Apresentação	3
u Biografia de Allan Kardec	8
u O Meio Físico	12
u O Meio Social	14
u Estudo e Trabalho	16
u Magnetismo	21
u As Mesas Girantes	24
u O Codificador	29

Apresentação

Esta biografia de Allan Kardec, que o **Pense** publica em formato digital, foi escrita pelo grande tradutor e erudito Júlio Abreu Filho, em 1955, como introdução complementar a uma compilação de textos do fundador do espiritismo feita pela editora Pensamento, intitulada *Principiante Espírita*.

Cearense, nascido em Quixadá em 10 de dezembro de 1893, Júlio Abreu Filho concluiu o ensino fundamental no Colégio São José, na Serra do Estevão. Em Salvador, Bahia, estudou na Escola Politécnica, mas não terminou o curso. Em Ilhéus, trabalhou na Delegacia de Terras, órgão vinculado à Secretaria da Agricultura. Foi funcionário daquela prefeitura e da Estrada de Ferro Inglesa, onde teve importante participação na construção do trecho ferroviário entre Ilhéus e Vitória da Conquista.

Em 1921, no Rio de Janeiro, foi empregado da empresa de energia Light. Nesta mesma empresa, em 1929, transferiu-se para São Paulo, onde trabalhou na construção da usina hidrelétrica do parque industrial de Cubatão.

Entre os anos de 1934 e 1935 foi professor do magistério secundário em vários colégios de São Paulo, capital. Em 1936, tornou-se funcionário da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo, no departamento de engenharia rural, organismo responsável por diversos e importantes projetos no interior do Estado.

Júlio Abreu notabilizou-se no movimento espírita brasileiro pela tradução pioneira da *Revista Espírita*, de Allan Kardec, em um trabalho monumental, iniciado em 1949, fruto de seu idealismo e do profundo amor pelo espiritismo. Fundou a editora Édipo com o intuito de publicar a

revista em fascículos, mais tarde lançada em seus doze volumes completos pela Editora Cultural Espírita (Edicel).

Ele foi um dos maiores eruditos que o espiritismo brasileiro já conheceu. É dele a visão da revista kardequiana como um laboratório de ideias, um espaço de experimentação doutrinária, conceitual, ferramenta indispensável de Kardec: “foi o seu mais importante instrumento de pesquisa, verdadeira sonda para a captação das reações do público, ao mesmo tempo, instrumento de divulgação e defesa da Doutrina. Mais do que isso, porém, constitui-se numa espécie de **laboratório** em que as manifestações mediúnicas, colhidas por todo o mundo, eram examinadas à luz dos princípios de *O Livro dos Espíritos* e controladas pelas experiências da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas e pelas novas manifestações espirituais recebidas.” (*Revista Espírita* (1858) - *Apresentação* – Edicel. Grifo nosso).

Ao lado do filósofo espírita Herculano Pires, defendeu ardorosamente a filosofia espírita e marcou posição contra os desvios doutrinários perpetrados pela Federação Espírita Brasileira (FEB). *O Verbo e a Carne*, obra lançada em parceria com Herculano, é um autêntico libelo contra o roustinguismo, corrente religiosa apócrifa adotada pela chamada “Casa Mãter do Espiritismo”, à revelia dos espíritas brasileiros. Junto com Pedro Granja e Jorge Rizzini, também participou ativamente do Clube dos Jornalistas Espíritas de São Paulo, fundado por Herculano Pires em 1948.

Além da *Revista Espírita*, traduziu diversas obras espíritas, das quais se destaca *História do Espiritismo* (The History of Spiritualism) do célebre autor de Sherlock Holmes, Arthur Conan Doyle. Uma das mais fiéis traduções de *O Livro dos Espíritos*, *O Livro dos Médiuns* e *O Evangelho Segundo o Espiritismo* foram feitas por ele, lançadas pela editora Pensamento. Também traduziu *As*

Profecias de Daniel e o Apocalipse de João (Observations Upon the Prophecies of Daniel and the Apocalipse of St. John - 1733), de Isaac Newton.

Escreveu *Erros Doutrinários - O Sentido do Roustainguismo* (1950), compilação de artigos publicados no periódico carioca Aurora, uma refutação do livro *Elos Doutrinários*, do roustainguista Ismael Gomes Braga, editado pela FEB. Esse livro está inserido em *O Verbo e a Carne* (1973), lançado pela Edições Cairbar. Publicou ainda as obras *Poeira da Estrada*, lançada pela editora Édipo e *Dois Teses*, contendo *O Livro Espírita no Brasil e Sincretismo Religioso*, temas apresentados no I Congresso de Unificação do Espiritismo no Brasil. Também pela Édipo, publicou a partir de fevereiro de 1950 um periódico homônimo, doutrinário e noticioso, cujo lema era: “Sempre a verdade, carinho e amor para com todos”. Teve curta duração, com apenas 18 edições.

Graças ao seu abnegado trabalho de tradução da *Revista Espírita*, o Clube dos Jornalistas Espíritas lançou o livro *Espiritismo, sua Antiguidade, Evolução e Propagação*, contendo textos selecionados e extraídos da Revista, uma grande novidade no movimento espírita da época. O livro saiu em 1951 pela Édipo, mas foi organizado e comercializado pelo Clube dos Jornalistas Espíritas, por ocasião do 94º aniversário do espiritismo, com prefácio de Herculano.

Júlio Abreu Filho exerceu inúmeras atividades no movimento espírita paulista. Foi diretor da União Federativa Espírita Paulista, uma das quatro entidades federativas que deram origem à União Social Espírita, em 1947.¹ A partir de 1952 passou a ser denominada de União das So-

¹ As outras federativas são: Liga Espírita do Estado de São Paulo, Federação Espírita do Estado de São Paulo e Sinagoga Espírita Nova Jerusalém. (Nota do **Pense**).

ciudades Espíritas do Estado de São Paulo (USE), da qual foi membro do conselho deliberativo estadual (CDE), ao lado de Herculano Pires e Pedro de Camargo (Vinícius).

Foi representante no Brasil de vários órgãos internacionais do espiritismo. Era também um orador muito requisitado. Ministrou vários cursos no movimento espírita: na União da Mocidade Espírita de São Paulo e na Federação Espírita do Estado de São Paulo, onde coordenou o curso de Cosmogonia, na recém-criada Escola de Aprendizes do Evangelho, concebida em 1951 por Edgard Armond, o grande articulador da fundação da USE. Este curso fez parte do 2º Grau da Escola, mais voltado para o estudo filosófico.

Júlio Abreu Filho foi um lídimo representante de uma geração de espíritas extremamente cultos, profundos conhecedores do espiritismo, da obra de Allan Kardec e com uma cultura enciclopédica somente comparável a de Herculano Pires, Deolindo Amorim, Carlos Imbassahy e Canuto Abreu. Nos últimos anos de sua existência viveu paralítico, passou por muitos dissabores, vindo a desencarnar em uma clínica onde estava internado, em São Paulo, capital, no dia 28 de setembro de 1972.²

Eugenio Lara

Editor do PENSE – Pensamento Social Espírita

² Herculano Pires e Jorge Rizzini foram visitar Julio Abreu Filho na clínica onde estava internado, em 1972. Estava presente também sua filha, Ceres Nogueira Abreu Sacchetta, esposa do jornalista Hermínio Sacchetta, colega de profissão de Herculano, que se comprometeu a reeditar e prefaciou seu livro *Erros Doutrinários*, lançado há mais de 20 anos. Júlio Abreu se entusiasmou com o projeto da reedição e autorizou o parceiro a providenciar o que fosse necessário para o relançamento de sua obra. A fim de atualizar a edição, Herculano prefaciou e acrescentou uma segunda parte, dando origem a um dos clássicos da literatura espírita anti-roustainguista, *O Verbo e a Carne*, obra que Júlio Abreu não pôde ver publicada, pois desencarnaria algumas semanas depois. (Nota do **Pense**).

Fontes de Consulta:

ABREU FILHO, Júlio - *Erros Doutrinários – O Sentido do Roustainguismo*, 1ª ed. Édipo – São Paulo-SP [1950].

Anais do 1º Congresso Espírita do Estado de São Paulo – Edição da União Social Espírita, São Paulo-SP [1947].

GODOY, Paulo Alves – *Grandes Vultos do Espiritismo*, 2ª ed. Edições FEESP, São Paulo-SP [1990].

KARDEC, Allan - *Revista Espírita* (1858), trad. Júlio Abreu Filho, Edicel – São Paulo-SP, s/d.

LEX, Ary – *60 Anos de Espiritismo no Estado de São Paulo (Nossa Vivência)*, 1ª ed. Edições FEESP, São Paulo-SP [1996].

MONTEIRO, Eduardo Carvalho e D'OLIVO, Natalino – *U.S.E. 50 Anos de Unificação*, 1ª ed. Edições USE – São Paulo-SP [1997].

RAMOS, Clóvis – *A Imprensa Espírita no Brasil – 1869-1978*, 1ª ed. – Instituto Maria, Departamento Editorial, Juiz de Fora-MG [1979].

RIZZINI, Jorge – *J. Herculano Pires, o Apóstolo de Kardec – O Homem, a Vida, a Obra*, 1ª ed. Paidéia – São Paulo-SP [2001].

Biografia de Allan Kardec

Júlio Abreu Filho

A 3 de outubro de 1804, às 19 horas, a casa do magistrado *Jean-Baptiste-Antoine Rivail*, na cidade de *Lyon, rue Sala, 76*, ouvia os primeiros vagidos de uma criança destinada a influir poderosamente nos destinos da humanidade. Naqueles dias estava em uso o calendário da Revolução, no qual os meses tinham outros nomes e começavam com a entrada do Sol nas casas do Zodíaco. Estava-se a 11 de *vindemiário*. O registro civil, feito no dia seguinte, indicava o nascimento supra de *Denizar-Hippolyte-Léon Rivail*, sendo seus pais o magistrado acima mencionado e sua esposa *Jeanne Duhamel*; assinaram como testemunhas, a pedido do médico *Pierre Radamel*, os senhores *Syriaque-Frédéric Dittmar* e *Jean-François Targe*. Remata o documento o sr. *Mathiou*, presidente do Tribunal.

Há entre os espíritas uma certa confusão quanto ao nome do Codificador, por falta de acomodação entre o sistema francês e o nosso de citar o nome das pessoas. Para uns o menino em questão era *Léon*, para outros *Denizard* e, ainda para um terceiro grupo, *Hippolyte*. É que, de um modo geral, nós ignoramos que:

- i** — na França é comum acrescentar-se ao prenome do menino o de um ou dois avós;
- ii** — nas famílias nobres esse acréscimo se torna abusivo;
- iii** — por vezes adiciona-se ao prenome do ascendente masculino o do padrinho;

iv — nos documentos oficiais é praxe escrever em primeiro lugar *o nome da família* e depois *os prenomes*.

Assim, no caso vertente, o prenome é *Hippolyte*; os prenomes adicionais, *Léon* e *Denizard* e o nome de família, *Rivail*. Comumente se escreve *Hippolyte-Léon-Denizard Rivail*, enquanto que nos documentos oficiais escrever-se-ia *Rivail Hippolyte Léon-Denizard*.

E, escrevendo certo, justo é se exija a pronúncia correta.

Perdoem-nos os espiritistas a exigência: é que não compreendemos não se saiba grafar e, menos ainda, pronunciar nome tão respeitável e que nos é sobremaneira caro. Seria uma falta de respeito.

Até hoje são escassos os dados biográficos daquele que mais conhecido se tornou sob o pseudônimo de *Allan Kardec*. Pouco tem sido acrescentado ao que disse o astrônomo *Camille Flammarion* à beira do túmulo que ia receber os seus despojos terrenos e à conferência do escritor *Henri Sausse*, em sua cidade natal, 27 anos mais tarde.³

Afirma-se que em linha paterna descende de tradicional família de juristas e, em linha materna, de teólogos ilustres, matemáticos e escritores, alguns dos quais teriam pertencido à Academia de Ciências e à Academia Francesa, pontos culminantes para homens de ciência e para homens de letras. Mas não nos estiremos por este

³ O leitor deve considerar que essa biografia foi escrita na década de 50. Ainda não tinham sido publicados os trabalhos biográficos de André Moreil e Zeus Wantuil, para citar os mais expressivos e fartamente documentados. (Nota do **Pense**).

caminho, que a elevação espiritual nem obedece às leis da genética nem às condições sociais e, sobretudo, financeiras, da família. Os grandes gênios não nasceram em berço de ouro; por vezes conheceram a miséria: *Sócrates* era filho de uma lavadeira e um carpinteiro foi o pai de *Nosso Senhor Jesus Cristo*. Via de regra, entretanto, a natureza coloca espíritos de escol em ambiente adequado, que lhes facilite as tarefas que constituem o sentido de sua vida.

Antes, porém, de entrar no estudo do seu ambiente, vejamos a razão de ser do pseudônimo *Allan Kardec*, que viria apagar o nome de *Hippolyte-Léon-Denizard Rivail*.

Um dos princípios fundamentais do espiritismo, na Codificação Kardeciana, é a reencarnação, isto é, o das vidas sucessivas e interdependentes. No início de seu trabalho filosófico, um espírito revelou ao Codificador que o conhecia de remotas existências, uma das quais passada no mesmo solo da França, onde a sua individualidade tinha revestido a personalidade de um *druida*, chamado *Allan Kardec*. Sabe-se a posição social desses sacerdotes, sorteados entre a juventude da nobreza; mas, também, é sabido que os druidas proibiam a construção de templos e a representação figurada dos deuses ou espíritos. Porque lhe teria agradado o nome? Porque lembrasse essa fuga às exterioridades e ao culto externo? Por uma como que memória intuitiva do muito de *espiritismo* contido no *druidismo*? Pela sonoridade do nome? Pela intuição da necessidade de subtrair-se ao mal-estar causado aos familiares e companheiros no mundo científico e educacional, onde vivia, com a publicação, sob a responsabilidade de seu nome verdadeiro, de princípios filosóficos fadados a abalar o velho formalismo da religião e da ciência?

É difícil dizer.

Como quer que seja, é de notar-se a coincidência entre certos princípios do *druidismo* e a obstinação de *Allan Kardec* em subtrair o *espiritismo* à tendência das massas menos cultas em transformá-lo numa religião. Neste particular, a concessão máxima que se pode fazer fê-la *Sir Arthur Conan Doyle*, chamando-o de *religião psíquica*, isto é, uma filosofia prática que leva a criatura para uma etapa religiosa muito superior à moral comum, desde que “*a moral é a média do comportamento do grupo social*” e aquele conduz para um limite superior, no qual, tornando-se altamente consciente, a criatura é, simultaneamente, templo, sacerdote e penitente.

Fique esta observação logo à entrada destas notas, a fim de advertir o leitor de que, até o último instante, o sr. *Allan Kardec* sustentou que o espiritismo era “*uma filosofia científica de consequências religiosas, mas não uma religião*”. Certos pseudo-espiritistas pretendem negá-lo, para o que fazem um tremendo trabalho sofisticado, esquecidos de que, torcendo as palavras do Codificador, aproximando afirmações distantes e díspares, até pertinentes a temas diversos, colocam-se entre as farpas do dilema: ou o sr. *Allan Kardec*, pela insegurança de conhecimentos, pela tibieza de caráter, teria falhado como *missionário da terceira revelação*, ou teriam falhado todos os espíritos daquela plêiade ilustre, que lhe ditavam mensagens, lhe inspiravam os estudos e lhe criticavam as obras, quando não as refundiam completamente, como foi o caso de *O Livro dos Espíritos*. Em qualquer dos casos, o desfecho seria um só: a falência da doutrina.

Haverá quem possa admiti-lo?

O MEIO FÍSICO

O observador que demora o olhar sobre a carta da França, ao mesmo tempo que projeta a mente sobre a sua história, tem logo a atenção atraída para a cidade de *Lyon*. Situada na confluência do *Rhodano* e do *Saona*, é o ponto de encontro do primeiro que, atravessando o Lago *Leman*, desce revoltas montanhas do *Jura*, atravessa toda a *Sabóia* e vem unir-se às águas mansas do segundo, vindo do sul da *Lorena* e cortando o *Franco-Condado* e a região da *Borgonha*. Sua junção se dá ao pé de uma encosta abrupta do maciço das *Cévenes*, em contraste com as planícies limitadas pelo *Saona* e pelo *Ain*, afluente do *Rhodano*. Na confluência daquelas duas massas líquidas está a terceira cidade da França, originária de uma colônia fenícia ou, mais provavelmente, ródia, — de onde o nome do grande rio, *Rhodanus*, segundo a forma latina, que não apagou o velho nome celta da região — *Lugdunum* — que quer dizer a colina do Sol nascente. Ao tempo da ocupação romana para aí convergiram as grandes estradas; por aí passaram ou hibernaram *Augusto*, *Cláudio* e *Cararala*. Incendiada, reconstruiu-a Nero, para que, mais tarde, foco do cristianismo, sofresse a perseguição de *Marco Aurélio* e outra, mais terrível ainda, de *Sétimo-Severo*. Depois de suportar inúmeras vicissitudes, durante o período feudal, desde o Império de *Carlos Magno* até o fim do século 13, tornou-se uma cidade do Império.

Foi em *Lyon* que em 1245 *Inocência III* excomungou a *Frederico II*, da Alemanha; que em 1274 *Gregório X* reuniu o segundo concílio ecumênico, para regulamentar a eleição dos papas e a união entre as Igrejas Grega e Latina. Durante as *guerras de religião* foi saqueada pelos protestantes em

1562 e, dez anos mais tarde, pelos católicos. Durante a Revolução Francesa a Convenção ordenou a sua destruição a tiros de canhão, mas *Collot d'Herbois* e *Fouché* apenas metralharam os seus prisioneiros.

Posteriormente os acontecimentos mais notáveis foram a insurreição operária de 1831, o *complot* de 1851, dirigido pelos republicanos da *Nova Montanha*, para não falar do movimento socialista de 1871, posterior, portanto, à morte do sr. *Allan Kardec*.

Dado este ligeiro esboço físico e histórico da grande cidade, referindo apenas aquilo que poderia falar à mente de um lionês culto, não devemos esquecer que aquelas mesmas águas, já avolumadas por outros cursos alpestres, como o *Isère* e o *Drôme*, vão banhar a cidade de *Avinhão*, tristemente célebre na história das lutas políticas que mancharam a Igreja Católica, depois de haverem tumultuado nas altas montanhas marginais, nos oferecem um símbolo de serenidade no seu curso baixo e no seu perfil de equilíbrio, antes de se lançarem, mansas, no velho *Mare Nostrum*, pouco abaixo da não menos evocadora cidade de *Aries*, que deu nome a um reino.

O MEIO SOCIAL

Entretanto não passemos muito por alto: focalizaremos mais de perto alguns aspectos da cidade e do meio social.

À margem direita do *Saona*, subindo pelos funiculares, alcança-se o velho fórum, *Fórum Vetus*, a velha cidade romana, bairro eclesiástico, com a sua *Catedral de São João*, monumento dos séculos 12 a 14 e seus belíssimos vitrais. No centro, entre os dois rios, o mais velho edifício de *Lyon* — a Igreja de *Saint-Martin d'Ainay*, construída no século 11, sobre as ruínas do *Templo de Augusto*; velhos hospitais, a parte administrativa, residências burguesas, o comércio e os bancos. Aí ainda se destaca, pela sua vetustez, a *Igreja de Saint-Nazier*, dos séculos 15 e 16; o Conselho Municipal, do século 17; palácios, museus, faculdades etc. À margem esquerda, na planície que se estende para leste, a Prefeitura, os bairros operários e o parque.

São célebres os seus tecidos, as suas sedas, os seus veludos estampados, assim como as suas faianças, uns e outras relembrando uma tradição legada pela arte italiana de Florença e de Veneza, da época dos Doges.

Nesse ambiente passou a infância o jovem *Rivail*.

Lyon era uma cidade envolta na garoa, que atenua os contornos e espiritualiza as formas, mas onde se agita uma população laboriosa e realista, prática e fria, embora não infensa à beleza que fala aos sentidos, e àquela beleza mais profunda, que as almas eleitas sentem mas não encontram expressão material. Não é difícil imaginar-se a

influência sobre o menino precoce, do meio lionês e da intimidade do lar de um juiz austero, de formação severa, segundo os velhos moldes hoje evanescentes.

Que motivos teriam levado o velho magistrado a mandar o filho estudar na Suíça? Falta de bons colégios na França? Idéias próprias em relação à influência clerical no ensino local? Interesse pelo sistema de *Pestalozzi*?

Talvez isto. Talvez um pouco de tudo.

O pedagogo suíço *Jean-Henri Pestalozzi*, versado em línguas, em história e em direito, se havia consagrado à economia rural. A leitura do *Emílio*, de *Rousseau*, lhe revelara a vocação; aperfeiçoou as idéias de *Rousseau*, do ângulo da pedagogia. Seu ideal foi, então, desenvolver gradualmente as faculdades humanas e organizar o ensino mútuo. Para tanto, dedicou-se à educação das crianças pobres. Ensinou em várias cidades, até que lhe cederam o Castelo de *Yverdon*. *Yverdon* é uma cidadezinha do sul do Lago *Neuchatel*, onde os *Duques de Zaehringen* possuíam um célebre castelo que data do século 12. Nessa antiga cidade romana de *Eburodunum*, e em seu castelo, os duques abrigaram a *Escola de Pestalozzi* durante 20 anos — de 1805 a 1825.

Nesse ambiente de uma pequena cidade fabril, num velho castelo medieval, o menino *Rivail* fez os estudos básicos que iriam prepará-lo para uma tarefa que basta, por si só, para marcar o século — já chamado século das luzes.

ESTUDO E TRABALHO

Pestalozzi estimava ao jovem *Rivail* como a um filho. Teve-lhe maior intimidade, que o adolescente soube aproveitar a tal ponto que, aos 14 anos, por vezes substituí-a o diretor na condução dos cursos. Aprendeu praticamente várias línguas, além do conhecimento clássico do grego e do latim. Com aquela idade diplomou-se professor. Continuando os estudos, fez o seu bacharelado quatro anos mais tarde. Por nos faltarem dados seguros não diremos, como outros biógrafos, que foi o *bacharelado em ciências e letras*, posto nos inclinemos pela afirmativa. É que o bacharelado foi instituído na França em 1808, nas faculdades de ciências e letras, como sanção de estudos secundários. Inicialmente, porém, o bacharelado era *puramente literário*; em 1830 e 1840 sofreu o sistema profundas reformas que não atingiram o nosso estudante: em 1830, já *Rivail* era médico.

Por outras palavras, não podemos garantir qual o título obtido pelo jovem *Rivail* ao fazer o seu *bachot*, como se costuma dizer na gíria estudantina. Sabe-se entretanto que o obteve, com ele entrou na escola de medicina, onde se doutorou aos 24 anos.

Enquanto fazia o curso de medicina, o estudante punha em execução a experiência feita junto a *Pestalozzi*, relativamente ao ensino mútuo.

Com efeito, o acadêmico-professor lecionava Matemática, Astronomia, Química, Retórica, Anatomia Comparada e Fisiologia, além de sua própria língua. Parece que tirou proveitos de parte de tais cursos, mas é certo que em parte os

ministrou com absoluta gratuidade, consoante os princípios de seu mestre.

Em Paris fundou um *Instituto Técnico* à rua Sèvres, nº 35, nos moldes de *Pestalozzi*. É provável que ainda não tivesse concluído o curso de medicina; sabe-se, entretanto, que teve como sócio um tio materno, jogador inveterado, que levou o Instituto à liquidação. A quota do dr. *Rivail* foi colocada em comandita na firma de uns amigos que, pouco depois, declararam falência. O jovem não desanimou: passou a fazer traduções, a preparar cursos em colégios e institutos, e ainda achava tempo para dar cursos gratuitos.

Teve tais contatos com o mundo das letras e das ciências que chegou a possuir vários diplomas de sociedades científicas e de incremento ao progresso. Não os teria obtido se não estivesse em ligação continuada e eficiente com estabelecimentos públicos oficiais ou oficializados, onde os grandes serviços prestados à sociedade eram publicamente reconhecidos, através de diplomas honoríficos. Entre outras distinções, possuía as seguintes:

A — no setor da direção do ensino:

i — de fundador da Sociedade de Previdência dos Diretores de Colégios e Internatos de Paris;

ii — da Sociedade de Educação Nacional (constituída por diretores de Colégios e internatos);

B — no setor do ensino propriamente dito:

i — da Sociedade para a Instrução Elementar;

ii — da Sociedade Gramatical;

iii — do Instituto de Línguas;

C — no setor da divulgação científica:

i — da Sociedade de Ciências Naturais da França;

ii — do Instituto Histórico;

iii — da Sociedade Francesa de Estatística Universal;

D — no setor das aplicações práticas das ciências:

i — da sociedade de Emulação Agrícola do Departamento do Ain;

ii — da Sociedade de Incentivo à Indústria Nacional.

A maioria desses diplomas lhe foram conferidos entre os 20 e os 31 anos de idade; o último lhe veio aos 43.

Tudo isto indica uma inteligência invulgar, servida por uma vontade poderosa e um método de vida que, de certo modo, justifica aquele conceito de Augusto Comte “*o gênio é uma questão de método*”. Era um idealista, mas não um lunático; seu idealismo era orgânico e prático. O estudante de medicina e depois o médico atuava na vida prática como professor de várias matérias, não só como divulgador de conhecimentos teóricos, mas como propulsor da agricultura e da indústria, através dos aperfeiçoamentos científicos dos meios de produção, como do aperfeiçoamento moral e espiritual das criaturas.

Este aspecto de sua vida não foi suficientemente analisado por seus turiferários. Um exame percuciente revela que o seu interesse nos estudos se derramou sobre um conjunto de conhecimentos selecionados — não para servirem de atavios ao Espírito — mas de verdadeiros instrumentos para a promoção do bem-estar geral, do mesmo passo que para a evolução espiritual, pelo conhecimento de si mesmo e pelo da situação do Homem no Cosmos.

Era um altruísta na mais alta acepção do vocábulo, porque não esperava adquirir muito para dar as sobras: tinha um sentido prático da solidariedade humana — dessa solidariedade feita de companheirismo, de camaradagem fraterna, de simpatia pelo alheio esforço, de boa disposição para ajudar os outros com a própria experiência, de bom ânimo para ensinar — principalmente de graça — pois a gratuidade nivela espiritualmente as criaturas e elimina aquela barreira psicológica, algo paradoxal, que se estabelece entre o ignorante que paga e o mestre que é pago diretamente. Ele sentia as imperiosas obrigações do indivíduo para com a sociedade — visando o progresso desta e procurando servi-la e servir-se dentro daquele magnífico conceito: “*a cada um segundo as suas necessidades; de cada um conforme as suas possibilidades*”.

Por outras palavras: foi um espírito altamente cômico de sua função social. E a realizou magnificamente, sem estardalhaços, sereno e compenetrado. Na Índia há uma lição muito interessante para o nosso comportamento social. Ensinava *Ramakrishna* que, ao atravessar uma aldeia, um elefante fora assaltado pelos cães. Cômico de sua superioridade, o elefante não se desviou de sua rota, não deu atenção aos latidos, não perdeu o passo hierático. Sem orgulho, apenas compenetrado de seu valor e de suas responsabilidades como fator social, o moço *Rivail* tinha um secreto sentimento de que era bem como aquele elefante, posto jamais o revelasse: agiu era bem como um mestre — ensinando.

Por isso pôde realizar a sua tarefa imensa.

Entre os anos de 1824 e 1849 publicou o dr. *Rivail*, entre outras, as seguintes obras:

- i** — Curso Prático e Teórico de Aritmética (dois volumes, segundo o método Pestalozzi);
- ii** — Plano para o melhoramento da Instrução Pública;
- iii** — Gramática Clássica da Língua Francesa;
- iv** — Qual o sistema de estudos mais adequado à época?
- v** — Manual dos exames para certificado de capacidade.
- vi** — Soluções racionais de perguntas e problemas de Aritmética e Geometria;
- vii** — Catecismo Gramatical da Língua Francesa;
- viii** — Programa dos Cursos ordinários de Química, Física, Astronomia e Fisiologia;
- ix** — Pontos para os exames na Municipalidade e na Sorbonne;
- x** — Instruções sobre as dificuldades ortográficas.

Na sua folha de serviços à mocidade de seu tempo está a regência das seguintes matérias, em cursos parcialmente gratuitos — repetimo-lo — onde de par com os seus conhecimentos enciclopédicos, patenteia-se o esforço em bem servir os seus semelhantes: Matemática, Física, Química, Astronomia, Retórica, Anatomia Comparada, Fisiologia e Língua Francesa. Falava corretamente inglês, alemão, holandês, espanhol, italiano e era grande conhecedor do grego e do latim.

MAGNETISMO

Cabe aqui destacar, em poucas linhas, um aspecto da cultura do sr. *Allan Kardec* — os seus estudos sobre magnetismo e hipnotismo, matérias que lhe foram de valioso auxílio nos estudos iniciais do espiritismo e que não deveriam desconhecer todos quantos se aplicam a trabalhos práticos e ao manejo de médiuns.

O sr. *Allan Kardec* interessou-se pelo magnetismo ainda nos bancos acadêmicos. Naquela época a nova ciência apaixonava e dividia os estudiosos: de um lado a chamada *ciência oficial*, a lhe negar foros de cidade; do outro, homens espiritualmente emancipados, a lhe proclamar os fatos. Estes últimos constituíram uma sociedade — a Sociedade dos Magnetistas da França — mais tarde cindida em duas entidades, por divergências de interpretação dos fenômenos. O sr. *Kardec* pertencia à primeira, mas era festejado por ambas.

Torna-se aqui necessária uma ligeira digressão histórica, para que melhor se compreendam as ligações do magnetismo e do hipnotismo com o espiritismo e não se confundam aqueles com as exibições charlatanescas a tanto por cabeça.

Sem remontar às práticas esotéricas, que são de todos os tempos e lugares, o magnetismo animal dos tempos modernos parece ter surgido com *Paracelso*, tendo sido aceito e praticado por *Burgraeve*, *Van Helmont*, o *Padre Kircher* e, principalmente, por *Mesmer* que, pelas alturas do ano de 1779, lhe deu grande incremento e chegou a lhe emprestar o próprio nome: *mesmerismo* era como então se chamava o magnetismo.

Mas, que vinha a ser o chamado magnetismo animal?

Pensava-se que fosse um fluido que penetrava os corpos animados, dando-lhe propriedades particulares. *Mesmer* desenvolveu essa teoria, sustentando que os corpos animados e inanimados eram submetidos à influência de um agente universal, a que chamou *fluido magnético*. Esse fluido podia acumular-se e transmitir-se ao homem, pelos passes e toques, e era capaz de curar certas moléstias nervosas, mas, também, podia provocá-las.

Em certos casos especiais, as pessoas submetidas à ação magnética apresentavam crises convulsivas, atitudes passionais e, até, tendências eróticas, o que levou o mundo científico à condenação do *mesmerismo* ou magnetismo prático, no interesse da moralidade pública. Isto ocorreu em 1784. Mas não paravam aí as contraditórias conclusões do relatório oficial da comissão chefiada pelo ilustre *Bailly*: ela concluía pela inexistência dos fenômenos.

Repetia-se o caso de Galileu.

Já disse alguém que as idéias são como os gases: quanto mais comprimidas, maior a sua força de expansão. Os repetidos golpes desferidos no magnetismo lhe trouxeram novos e valiosos adeptos, entre os quais *Du Potet*, o *Abade de Faria* e *Puységur*, na França. Continuaram-se os estudos na França, tornando-se evidentes os seus efeitos e a fenomenologia geral, como a sugestão, o sonambulismo provocado, as paralisias, as anestésias etc.

Um pouco mais tarde, na Inglaterra, *Braid* demonstrou que o hipnotismo era uma realidade e determinou meios práticos para a sua aplicação. Tais processos foram muito divulgados nos Estados Unidos, graças aos traba-

lhos de *Grims*. Os estudos de *Braid* e *Grims* situam-se entre os anos de 1840 e 1848.

Assim, quando, mais uma vez, o magnetismo foi condenado, por volta de 1859, nas lições professadas na Salpêtrière pelo ilustre *Charcot*, já o sr. *Allan Kardec* andava às voltas com os fenômenos espíritas, aos quais trouxera uma experiência de 35 anos de trato com o magnetismo e o hipnotismo.

Fácil é compreender-se tudo isto.

No momento assistia-se, na França, a falência das filosofias espiritualistas. A elas se opunham as correntes materialistas — o marxismo à frente — e, num termo médio, o agnosticismo da escola positivista, fundada por *Augusto Comte*.

O genial *Comte* havia dado uma nova ordenação aos conhecimentos científicos; tinha fundado uma nova ciência — a Sociologia. Sua obra, muito inteiriça, constituía a *Filosofia Positiva*; seu ponto mais fraco é a *religião* tirada de seus princípios gerais. Mas *Comte* fora repetidor da Escola Politécnica, depois examinador; dera cursos populares de Astronomia. Tudo isto lhe grangeara um certo prestígio nos meios cultos. A falta de síntese nos conhecimentos científicos deixava as classes mais altas em caótico estado mental, não sendo difícil encontrar grandes figuras *positivistas* em ciência, *materialistas* em política e *católicas* ou *protestantes* em religião.

Poucos abarcavam essas coisas em visão panorâmica; e quando os percebiam davam de ombros, justificados de seu silêncio e de sua acomodação pelo motivo de se não sentirem culpados.

AS MESAS GIRANTES

Estavam as coisas neste pé quando os fenômenos espíritos, ditos das mesas girantes e falantes, iniciados “oficialmente” nos Estados Unidos, com as *Irmãs Fox* e pouco depois transplantados para a Europa, adquiriram foros de cidade. Manda a verdade, entretanto, se diga que antes mesmo de 1848 já na França, na Alemanha e na Inglaterra se haviam registrado os fenômenos de efeitos físicos e outros, inclusive os intelectuais — mesmo sem recorrer às vastas referências, posto que discretas, encontradas na obra escrita, que chegou até os nossos dias, dos melhores historiadores e poetas latinos, bem como da tradição druídica. O sr. *Allan Kardec* tratou do assunto nas páginas luminosas da **Revue Spirite**, muito embora não o fizesse de forma exaustiva e visando estabelecer irretorquivelmente a primazia da Europa e, particularmente da França, no que se refere a acintosas manifestações de espíritos.

Como quer que seja, o relato do que se passava com as *Irmãs Fox*, as “chantagens” de que foram vítimas, a malevolência dos opositores à fenomenologia, ansiosos por manterem o prestígio, já um tanto abalado, de seu velho aliado Satã, tiveram o efeito de propaganda. De modo que na alta sociedade francesa foi uma nota requintada dos salões elegantes convidar, para a companhia de poetas, deputados, senadores, ministros, escritores, artistas, príncipes de toda a parte, inclusive grãos-duques russos, alguns espíritos de escol, que viam afirmar: “*Não há morte*”.

Quem eram esses espíritos?

Vultos marcantes de todos os tempos: filósofos e poetas, gerais e imperadores da Grécia e de Roma; destacadas figuras do clero medieval; escritores, poetas e artistas do renascimento; antigos reis da França. Todos eles produziram admiráveis provas de sua identidade e muitos lançaram grandes clarões sobre a parte mais nebulosa de algumas de suas ações públicas. Os poetas se exprimiam em versos perfeitos, através de sensitivos que jamais haviam perpetrado uma simples quadrinha rimada.

A moda atingiu o palácio imperial. Napoleão III solicitou de elementos experimentados que fossem ao palácio evocar espíritos em sua presença. E manteve interessantes palestras, em presença das mais destacadas figuras do mundo político, militar e diplomático.

Entre esses salões brilhantes força é destacar o da *Senhora de Girardin*, encantadora figura de vanguarda nas letras e nas artes, e, indiscutivelmente, uma das maiores expressões do bandeirismo espiritista na França, quiçá do mundo. Nascida no mesmo ano que o sr. *Allan Kardec*, *Delphine Gay* era física e espiritualmente bela. Muito cedo começou a sua produção poética, publicando seguidamente volumes entre os quais se destacam: *Les Soeurs de Sainte Camille*, *Madeleine*, *Ourika*, *Le Bonheur d'être belle*, *La Vision de Jeanne d'Arc*. Após uma viagem à Itália, durante a qual foi coroada no Capitólio, publicou *Le Retour*, *Valer-me*, *Le Dernier Jour de Pompéi*, *Napoline* e outras impressões da península.

Aos 27 anos casou-se com o *Conde Camile de Girardin*, que desfrutava invejável posição social e política, além de grande prestígio como escritor, sociólogo e dramaturgo. Casada, foi uma inspiradora da política.

Escreveu vários romances e bom número de peças para teatro; entre aqueles vale destacar *Le Lorgnon*, *Le Marquis de Pontanges*, *Les Contes d'une viei-le filie à ses neveux* e, o mais notável de todos, *La Canne de M. de Balzac*, e, ainda, *La Croix-de-Berny*, este em colaboração com *Théophile Gautier*, *Joseph Méry* e *Jules Sandeau*, três nomes que dispensam referências; entre estas não devemos esquecer *L'École des journalistes*, *Judith*, *Cléopaire*, *Lady Tartufe*, *Le Chapeau d'un borloger* e *La foie fait peur*, peças estas pertinentes ao repertório da *Comédie Française*. Deixou ainda farta coleção de *Cartas Parisienses* e de artigos e folhetins na imprensa periódica e nos diários de Paris.

As sessões espíritas nos salões da *Senhora de Girardin* contaram com o que havia de mais fino nas letras, nas artes e na política: assistiram-nas *Balzac*, *Lamartine*, *Chateaubriand*, *Théophile Gautier*, para citar apenas alguns dos mais expressivos nomes das letras francesas e de renome mundial, à frente dos quais justo é colocar a figura magnífica de *Alexandre Dumas*, filho.

Pode-se dizer que a *Senhora de Girardin* preparou a receptividade nas altas esferas sociais e intelectuais da França para a obra que em breve deveria encetar o sr. *Allan Kardec*. Morreu de um câncer, em 1855.

Um desses grupos praticantes do espiritismo nascente se deu ao trabalho de visitar o grande *Victor Hugo*, então exilado na *Ilha de Jersey*, por força de seu antagonismo ao governo monárquico da França. E o converteu aos princípios espíritos.

Entretanto — coisa notável! — entre tanta gente de alta cultura, ninguém lobrigou o alcance filosófico das batidas nas mesas e móveis e, em geral, das manifestações dos espíritos. Só um fato impressionava: a sobrevivência do ser humano, com os seus gostos, os seus cacoetes, os seus impulsos, enfim, a sua personalidade!

A França, cognominada *a filha primogênita da Igreja*, assistia ao naufrágio da fé, resultante do choque entre a Ciência e a Religião. Dona de um mais largo e profundo conhecimento das leis da natureza, a humanidade estava preparada para passar da fé imposta à fé raciocinada, isto é, da crença para a certeza. A ciência oficial desdenhava tudo quanto pudesse, direta ou indiretamente, conduzir a um postulado da religião; em contrapartida a religião, fechada numa filosofia apriorística, verberava toda tentativa intelectual que pudesse atuar como um sopro sobre o castelo de cartas do dogmatismo.

Temor da divulgação da verdade ou intuição do seu crescente desprestígio político, em consequência da emancipação espiritual das criaturas?

O único homem que teve a visão da importância moral e sociológica de fenomenologia espírita foi o dr. *Rivail*. Por isso mesmo, deveria ele apagar-se no mundo oficial da instrução pública, onde se fizera respeitado e querido, para se dar a uma nova obra — a da construção de toda uma filosofia derivada — que importa? — dos golpes que os chamados mortos vibravam sobre mesas, paredes e móveis. Ia desaparecer o *cientista Rivail* para surgir o *filósofo Allan Kardec*. Era aquele renascimento espiritual, de que falava Jesus Cristo a *Nicodemus*; era a profecia do *Nazareno* reportada por *João*, no Capítulo

XIV, versículo 26, sobre aquele “*a quem o Pai enviará em meu nome*”, e que “*ensinará todas as coisas, e vos fará lembrar de tudo o que vos tenho dito*”.

Se nos adentrarmos no texto e em outras passagens correlatas, veremos que se trata de um ser despersonalizado, o Consolador, o qual figura nas versões evangélicas que nos chegaram como o *Espírito Santo*. Cabe, entretanto, notar que não se trata de uma individuação, nem da suposta terceira pessoa da trindade católica: estamos em frente a uma expressão genérica, onde o vocábulo *santo* é apenas um adjetivo qualificativo muito respeitoso e, por isso mesmo, historicamente respeitável, posto que sem a necessária força para, com o dogma, sobrepor-se à razão.

O escolhido foi *Allan Kardec* e não o dr. *Rivail*, para significar uma individualidade eterna e não uma personalidade transitória e, ainda, para a ligar a uma etapa em que os valores espirituais eram mais expressivos do que as formas exteriores do culto.

O CODIFICADOR

Foi em 1854 que o sr. *Allan Kardec* tomou conhecimento das mesas girantes e falantes, através de uma conversa com o sr. *Fortier*, seu colega na Sociedade de Magnetistas. Ao ser informado de que, magnetizadas, as mesas podiam mover-se e davam respostas às nossas perguntas, a resposta do sr. *Kardec* foi de absoluta descrença, desde que a mesa não possuía nervos nem cérebro, nem podia tornar-se sonâmbula.

Pouco depois um outro magnetista, o sr. *Carlotti*, lhe fez minuciosos relatos de experiência a que assistira. Em consequência do que pode ele dispor-se a assistir às primeiras sessões práticas, em maio de 1855, em casa da sra. *Roger*, em presença do já citado *Fortier*, do sr. *Patier* e da sra. *Plainemaison*. Deste último cavalheiro ouviu relatos num tom diferente, frio e grave, cheio de argumentos que se acomodavam aos princípios científicos.

Surgiu daí a possibilidade de assistir a reuniões regulares, em casa da sra. *Plainemaison*, à rua Grange-Batelière, 18, ainda no mês de maio já referido.

Repetiram-se as sessões, numa das quais conheceu ele a família *Baudin*, residente à rua Rochechouart. Convidado para as sessões hebdomadárias da família *Baudin* — é o sr. *Allan Kardec* quem o diz — “*aí fiz os primeiros estudos sérios em espiritismo, mais por observação do que por efeito de revelações*”. E prossegue: “*A essa nova ciência apliquei, como tinha feito até então, o método experimental; jamais formulei teorias preconcebidas*”. E logo mais adiante: “*Nesses fenômenos entrevi a chave da tão obscuro e controvertido pro-*

blema do passado e do futuro e a solução que, durante toda a vida, tinha buscado. Numa palavra, era uma revolução completa nas idéias e nas crenças, sendo, pois, necessário proceder com circunspeção, e não com leviandade, ser positivista em vez de idealista, para não ser arrastado por ilusões”.

Eis a evidenciação do homem de ciência.

O sr. *Allan Kardec* vira nessas manifestações uma prova da existência da alma e de sua sobrevivência ao transe da morte. Mas, também, percebera que cada espírito possuía um grau de conhecimento e de moralidade, pelo que esse mundo invisível, que nos envolve, oferecia uma gradação infinita. Estudá-los, classificá-los e explicá-los seria uma tarefa hercúlea e o sr. *Allan Kardec* a teria abandonado se não fora a insistência de alguns amigos dedicados, que desde algum tempo se davam àquelas investigações. Entre esses amigos cabe uma referência particular ao sr. *Carlotti*, já citado; ao editor *Didier*, médium e ao seu filho, também médium; ao lexicógrafo *Antoine-Léandre Sardou* e seu filho, o médico, escritor e dramaturgo *Victorien Sardou*, também médium, que prestou relevantes serviços à doutrina, no papel de intérprete dos espíritos que ofereciam minuciosas descrições e belíssimos desenhos de outros planetas, muito embora o dr. *Sardou* fosse a negação para o desenho; o sr. *René Tailandier* membro da Academia de Ciências e outros. Desde algum tempo esses senhores faziam sessões e possuíam *50 cadernos de comunicações*.

Graças a esses amigos, o sr. *Allan Kardec* tomou desse material, classificou as mensagens, eliminou as re-

petições ociosas; anotou circunstanciadamente as falhas, as dúvidas e as lacunas, para futuros esclarecimentos.

Teve o cuidado de ouvir outros espíritos, através de outros médiuns, que não os da casa do sr. *Roustan* — o qual não deve ser confundido com o sr. *Jean-Baptiste Roustaing* — onde lhe fora de poderoso auxílio a mediunidade da *senhorinha Japhet*. Em consequência — fato raríssimo e de notável beleza! — ao apresentar aos espíritos a forma definitiva da obra fundamental, estes lhe fizeram grandes objeções. E que o sr. *Allan Kardec* apresentava o espiritismo como uma religião nova, com o que não concordaram os seus conselheiros espirituais. Teve ele a honestidade de aceitar a crítica justa e refundir completamente a obra, cuja primeira edição apareceu a 18 de abril de 1857. Daí por diante jamais o sr. *Allan Kardec* deixou de dizer que o espiritismo era uma ciência ou uma filosofia científica — porque estabelecida sobre a base dos fatos — tendo consequências religiosas, mas nunca uma religião. Tal ponto de vista ficou muito bem desenvolvido no seu canto de cisne, isto é, a última conferência por ele pronunciada cinco meses antes de desencarnar-se, e que se acha na íntegra no fascículo de novembro de 1868 da *Revue Spirite*.

O êxito dessa obra — *O Livro dos Espíritos* — cujo nome bem exprime a sua origem, e sob o qual a sua autoria apenas aparece como “*recolhidos e ordenados por Allan Kardec*”, o levaram a pensar na propaganda da doutrina. Mas achava-se sozinho para tal empreendimento. Contudo, aconselhado pelos espíritos em meados de novembro de 1857, a 1º de janeiro de 1858 lança a *Revue Spirite*, pequena revista de 32 páginas em média, destinada não só à propaganda mas — e principalmente — à provocação da opinião pública e ao estudo da fenomeno-

logia espírita e à discussão das hipóteses provisórias, até que, bem verificados os fatos, se lhes pudesse dar uma explicação científica e uma posição no quadro geral da filosofia espírita.

Lamentavelmente, em nossa terra ainda não foi devidamente apreciada a coleção da *Revista Espírita*, que o sr. *Allan Kardec* escreveu por assim dizer sozinho, durante 11 anos e quatro meses, num total de cerca de 4.500 páginas — rico manancial de fatos bem controlados e de ensinamentos para os dirigentes de trabalhos práticos, para os médiuns e para os spiritistas em geral.⁴

O sr. *Allan Kardec* sentiu a necessidade de manter um grupo de estudo prático e contados com outros grupos, da França e do exterior.

Em consequência, seus estudos e observações foram determinando ligeiras alterações em *O Livro dos Espíritos*, assim como pequenas adições, até que na 22^a edição a obra tomou um caráter definido, que é o que hoje se apresenta. Dessa edição nós nos servimos para a tradução feita para a coleção lançada pela editora Pensamento.

Era *O Livro dos Espíritos* uma exposição geral da filosofia espírita. Outras obras deviam seguir-se. Trabalhava o sr. *Allan Kardec* na *Revista Espírita*, cujos fascículos mensais apareciam com toda a regularidade; no campo experimental dirigia sessões onde eram obtidas respostas

⁴ No Brasil, Júlio Abreu Filho foi o primeiro tradutor dos doze volumes da *Revista Espírita*, trabalho que estava realizando quando escreveu esta biografia. (Nota do **Pense**).

às suas perguntas, organizadas de plano, de par com mensagens espontâneas, que viriam servir para volumes futuros. Paralelamente, grupos de outras cidades e do estrangeiro lhe remetiam copioso material ditado pelos espíritos, que ele ia arquivando, depois de convenientemente estudado e classificado.

Ainda achou tempo para lançar, em julho de 1859, um pequeno volume com a doutrina condensada, sob o título *O Que é o Espiritismo?* Este interessante opúsculo teve sucessivas edições, podendo assegurar-se que em 1868 já estava na oitava. Era um livrinho destinado a dar um conhecimento perfunctório, mas suficiente, às pessoas jejunas que, se se tomassem de interesse pelo assunto, poderiam então passar a obras de mais fôlego.

Em 1861, logo em janeiro, a casa Didier & Cia. lança o seu segundo livro básico — *O Livro dos Médiuns* — onde temos um verdadeiro tratado clássico, indispensável a médiuns e dirigentes, a técnica do manejo da mediunidade.

Em 1862 lançou duas pequenas brochuras de propaganda doutrinária, posteriormente abolidas, à vista da larga aceitação da *Revista Espírita*. Eram elas *O Espiritismo na sua Expressão Mais Simples* e *Refutação às Críticas ao Espiritismo*.

Com um volume encerrando a filosofia da doutrina espírita e outro a técnica para a utilização dessa nova ciência, em breve a trilogia se completava pelo estudo da parte moral. Esse terceiro livro fundamental teve a sua primeira edição em abril de 1864, sob o nome de *Imitação do Evangelho Segundo o Espiritismo*. Refundindo em nova edição, que lhe deu caráter definitivo, o nome

primitivo foi substituído pelo atual: *O Evangelho Segundo o Espiritismo*.

Outro seria o conceito que os espíritistas formam da doutrina se tivessem estudado atentamente as primeiras linhas, de notável significação, que abrem a sua *Introdução*.

Vale a pena transcrevê-las, porque em geral elas são lidas, sem meditação, apenas uma vez. Dizem assim:

“A matéria contida nos evangelhos pode ser dividida em cinco partes: os atos ordinários da vida de Cristo; os milagres; as profecias; as palavras que serviram para o estabelecimento dos dogmas da Igreja; e o ensino moral. As quatro primeiras têm sido objeto de controvérsias; mas a última têm subsistido inatacável. A própria incredulidade inclina-se ante esse código divino, terreno onde podem encontrar-se todos os cultos, estandarte sob que podem acolher-se todas as crenças, porque jamais foi objeto de disputas religiosas, sempre e por toda parte suscitadas pelos dogmas. Aliás, se as seitas a houvessem discutido, aí teriam encontrado sua própria condenação, porque a maioria têm considerado mais a parte mística que a parte moral, que exige a reforma de si mesmo? Principalmente para os homens, é uma regra de conduta, que abraça todas as circunstâncias da vida, pública ou privada, o princípio de todas as relações sociais, baseadas na mais rigorosa justiça: enfim e sobretudo, o caminho infalível da felicidade vindoura, o elemento que descerra o véu que cobre a vida futura. Esta parte constitui o objeto exclusivo da presente obra.”

Eis aí, numa clareza meridiana, não apenas o ponto de vista do sr. Allan Kardec — mas o dos altos espíritos

que lhe ditaram a doutrina. Aí estão nitidamente separados os textos dos evangelhos em cinco partes: a principal — referente ao ensino moral — tratada nesse terceiro volume; duas outras, a saber, os milagres e as profecias, que iriam constituir o objeto de *A Gênese*; as palavras que serviriam para o estabelecimento dos dogmas da Igreja, que iriam fornecer tema para *O Céu e o Inferno* e, possivelmente, para outras obras, se ele tivesse tido vida mais longa, para concluir o seu plano de trabalho.

Assim, em começo de agosto de 1865 as livrarias exibiam *O Céu e o Inferno ou A Justiça Divina Segundo o Espiritismo*, magnífico estudo em que se explica o simbolismo desses supostos lugares de ventura e de sofrimento de um ponto de vista racional, positivo e conforme a suprema justiça, que é um dos mais nobres atributos da Divindade.

E, já a 6 de janeiro de 1868, aparece *A Gênese, os Milagres e as Predições Segundo o Espiritismo*. Como se vê pelo título, a obra não só restabelece a verdade sobre a cosmogonia cristã, baseada nos princípios da ciência, como encara a teoria católica do milagre como exceção das leis da natureza, mostrando, do ângulo espiritista, que tais leis não comportam uma derrogação; no que se refere as predições ou profecias, estuda o fenômeno sob a luz da mediunidade, tirando-lhe, assim, qualquer veleidade de mistério e de milagre. Este volume compendia, até certo ponto, os três primeiros livros básicos, podendo, por isso mesmo, ser considerado como a melhor obra do Codificador.

É certo que a crítica moderna lhe faz restrições um tanto apressadamente, pelo fato de, quer o Codificador, quer os espíritos que lhe deram algumas mensagens, terem

usado uma linguagem hoje superada, à vista dos mesmos progressos da ciência.

Mas os espíritos estavam certos, de vez que, falando aos homens, não poderiam usar de explicações baseadas em teorias que só muito mais tarde deveriam estabelecer-se, à luz de novos conhecimentos. E aos homens, que não aos espíritos, é que cabem tais descobertas. O mais que se poderia fazer no particular seria uma edição com o texto primitivo, mas largamente comentado, que possibilitasse às pessoas de cultura mediana transportar-se de uma linguagem científica e de um sistema expositivo velhos de um século, para o sistema da era atômica. Isto, porém, requer uma grande bagagem de conhecimentos, principalmente no campo da Física, da Geologia, da Mecânica Celeste e da Biologia, principalmente da Biologia Pré-histórica, além de uma bagagem maior de respeito e de compreensão pela obra do sr. Allan Kardec, o que infelizmente nem sempre tem havido.

Já temos ouvido de alguns estudiosos apressados a manifestação do desejo de que fosse atualizada a obra kardeciana. Consideramos isto um perigo, máxime porque não sabemos até onde pode chegar a febre de modernização, com o risco de alterar a compreensão kardeciana da Doutrina dos Espíritos.

Ao em vez disso fora preferível que, em separado, se fizesse, a exemplo do que aconteceu com tantos pensadores de renome, a apreciação global de sua obra, sob o aspecto filosófico e sociológico. Então em o PENSAMENTO VIVO DE KARDEC seriam apreciadas as linhas gerais da Doutrina dos Espíritos, os critérios científicos que presidiram à Codificação, a filosofia nela contida, a sua

atitude para com as religiões dogmáticas — e não contra as religiões em geral, como erroneamente muitos a interpretam, a filosofia penal espiritista e, principalmente, a sociologia espírita, que ofereceria as linhas mestras de um programa político que, dentro dos princípios cardiais do ensino de JESUS CRISTO, realizaria a verdadeira democracia, sem lutas de classe, sem antagonismos raciais ou religiosos. Porque — nunca é demais lembrá-lo — dentro do ponto de vista espiritualista, se a vontade de Deus é onipotente, aqueles mesmos aspectos das religiões que para nós se acham superados, coexistem em nossa sociedade e em nossos dias porque ainda têm uma mensagem a dizer a uma parcela da humanidade não preparada para receber mensagem mais elevada.

Parece-nos que o espírito do sr. Allan Kardec está a espera de que alguém realize essa tarefa — que a ele não poderia caber — principalmente porque ela necessitava de tempo para que se pudesse avaliar os frutos produzidos pela doutrina e aqueles que ela ainda pode dar.

O sr. Allan Kardec tinha vindo já maduro para os trabalhos da Doutrina dos Espíritos. Contava 51 anos e era portador de uma lesão grave no coração. Trabalhara intensamente desde mocinho. Os espíritos lhe recomendavam certa moderação, que ele não se podia permitir porque, olhando em seu redor não via companheiros que enxergassem as coisas do seu mesmo ponto de vista. Tanto assim que através de sua elegância espiritual por mais de uma vez teve que publicar na *Revista Espírita* resumos de sessões da *Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas* ou discursos-relatórios de sua gestão, que terminavam com um pedido de sua substituição. Sente-se aí que alguns diretores desejam imprimir uma orienta-

ção diversa à sociedade e, conseqüentemente, à marcha do espiritismo. Nesses discursos relatórios o sr. *Kardec* não só justificava a sua orientação, inspirada pelos espíritos, como demonstrava a inviabilidade dos planos dos que lhe eram adversos.

Felizmente o bom senso triunfava.

Mas é de convir que uma luta continuada de cerca de 14 anos contra forças externas e, também, contra os que agiam internamente na Sociedade deveriam extenuá-lo.

Sua última luta foi após a publicação de *A Gênese, os Milagres e as Predições Segundo o Espiritismo*.

Em 1869 tratou de reconstituir a *Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas* sob novos moldes, que permitissem manter uma livraria espírita, sustentar a publicação da *Revista Espírita* e a reedição das suas obras, já citadas. Então ele residia à rua Sant'Ana 25, Galeria Sant'Ana e pretendia mudar-se a 1º de abril de 1869 para a Avenue Ségur, onde anos antes havia comprado um terreno e estava concluindo a construção de seis casinhas destinadas, após a sua morte, para asilo de velhos espíritas. A livraria estava sendo instalada à rua Lille nº 7, e sua inauguração deveria dar-se a 1º de abril.

Sua casa estava completamente desarrumada, em ablativos de mudança, a sala em desordem, cheia de pacotes que iam sendo transportados quando, ao entregar um pacote da *Revista Espírita*, o Codificador caiu fulminado, pela ruptura de um aneurisma da aorta, na véspera de sua instalação em novo e definitivo endereço e da inauguração

da livraria, isto é, a 31 de março de 1869, quando ele contava 65 anos de idade.

Mesmo assim, a livraria foi inaugurada no dia seguinte. Foi opinião de sua viúva e dos amigos mais íntimos que esse ato representava a execução de sua última vontade.

Foi sepultado no cemitério do *Père Lachaise*, onde os discípulos e amigos fizeram erigir um modesto mausoléu.

O sr. *Allan Kardec* não deixou descendência. Casara-se em Paris, a 6 de fevereiro de 1832, portanto aos 28 anos de idade, com a professora Amélie Gabrielle Boudet, nascida a 23 de novembro de 1795, portanto nove anos mais velha do que ele, muito embora não o parecesse. Era de família rica.

Ela continuou a auxiliar os trabalhos da livraria, zelando pelo patrimônio espiritual de seu esposo. Faleceu a 21 de janeiro de 1883, aos 89 anos de idade.

O sr. *Allan Kardec* deixou muita coisa inédita, mas também deixou um plano de trabalho, conforme ficamos sabendo pelo que, posteriormente, se publicou num volume de *Obras Póstumas*.

Nesse volume há uma ligeira biografia do Codificador, que foi publicada na *Revista Espírita* de maio de 1869 e o célebre discurso proferido pelo astrônomo *Camille Flammarion* à beira de seu túmulo.

Entretanto, a leitura do volume nos deixa a impressão de que muita coisa ficaria ainda desconhecida do pú-

blico. O próprio título do livro, no plural, nos deixa supor que outros volumes iriam aparecer.

Por que não vieram?

Mistério.

Há alguns anos, antes da segunda grande guerra, illustre confrade nosso esteve durante alguns anos em Paris e teve oportunidade de manusear muitos originais inéditos, deixados pelo sr. *Allan Kardec*, na *Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas*, chegando mesmo a tomar alguns apontamentos. Acontece, entretanto, que se arrastava no fórum parisiense uma velha demanda entre parentes da sra. *Amélie Boudet*, *Viúva Allan Kardec* e a *Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas*. Queriam aqueles a posse dos escritos inéditos do sr. *Allan Kardec*.

Como os reclamantes eram confessadamente católicos, não era de esperar que os quisessem publicar. O que é que ambicionavam? Fazer um bom negócio vendendo raridades?

Não se pode afirmá-lo.

O que se sabe é que esse material está desaparecido. Segundo uns, destruído pelos alemães, quando invadiram a França nesta segunda Grande Guerra; segundo outros, destruído pelos próprios colaterais da *Viúva Allan Kardec*.

Para a maioria dos espíritas, uma boa parte do trabalho deixado pelo Codificador continua desconhecida: são os doze volumes que encerram a *Revista Espírita* escrita

quase que exclusivamente por ele. Tais volumes são hoje raríssimos.

Tentamos traduzi-los e chegamos a lançar dois volumes. Na Argentina houve igual tentativa e não chegaram a concluir nem o primeiro. Conhecerá um dia a massa espírita do Brasil essa preciosidade? ⁵

Esperemos.

JÚLIO ABREU FILHO

São Paulo, dezembro de 1955.

Fonte: *O Principiante Espírita* – Allan Kardec
7ª edição - Ed. Pensamento - São Paulo-SP - [1993].

Digitalização:

PENSE u Pensamento Social Espírita

<http://www.viasantos.com/pense>

fevereiro de 2010.

⁵ Os dois volumes da *Revista Espírita*, citados por Júlio Abreu Filho, foram lançados inicialmente pela editora Édipo, de sua propriedade. Posteriormente, os doze volumes completos foram publicados pela Edicel. Além desta sua fiel tradução, os tradutores Salvador Gentile (IDE) e Evandro Noleto Bezerra (FEB) também verteram o periódico kardequiano para o português. (Nota do **Pense**).